

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Maria Inês Vaz da Cunha Esteves

**A DETEÇÃO DA MENTIRA:
ESTUDO DE ALGUMAS PISTAS VERBAIS**

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde – Subárea de especialização em Psicologia Clínica Forense, orientada pelo Professor Doutor Rui Paixão e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Outubro de 2021

A detecção da mentira: estudo de algumas pistas verbais

Resumo

A mentira, contrariamente ao que a grande maioria das pessoas pensa, faz parte da própria vida e do nosso dia a dia. Desde muito cedo que estamos familiarizados com o seu conceito e somos ensinados que é errado enganar os outros, de forma deliberada, mas também nos ensinam a mentir para o bem do outro, ou para o bem de uma relação. Ora, neste sentido, é visível que a mentira é um tema bastante presente na sociedade, nos mais diversos contextos, desempenhando um papel extremamente importante em contexto forense existindo, por isso, vastas investigações feitas nesta área. É neste âmbito que se insere o presente trabalho, que tem como principal objetivo observar e avaliar um conjunto de pistas verbais, de modo a identificar-se quais as mais relevantes e que podem ser consideradas indicadores do comportamento de mentira. Metodologicamente, consiste num *setting* experimental onde 10 participantes (7 do sexo feminino, 3 do sexo masculino) responderam, de forma honesta ou desonesta, a uma mesma questão. As respostas foram gravadas em pequenos vídeos, havendo dois ensaios para cada uma das três questões colocadas a cada sujeito, perfazendo um total de 60 vídeos. Posteriormente, estes vídeos foram observados por um sujeito-avaliador, que interpretou e analisou o comportamento dos participantes, com base nos indicadores verbais da mentira, acabando por se verificar a existência dos seguintes padrões comuns de resposta: “diversidade do discurso”, “tamanho da resposta”, “hesitações no discurso” e “uso de autorreferências” ao nível interindividual, e “respostas indiretas, evasivas ou distantes” ao nível intraindividual.

Palavras-chave: mentira, pistas de mentira, indicadores verbais, padrão comum de resposta

A detecção da mentira: estudo de algumas pistas verbais

Abstract

Lying, contrary to what the vast majority of people think, is a part of life itself and of our daily lives. From an early age we are familiar with its concept, and we are taught that it is wrong to deliberately deceive others, but we are also taught to lie for the sake of the other, or for the sake of a relationship. Therefore, it is clear that lying is a very present theme in society, in the most diverse contexts, playing an extremely important role in the forensic context and for this reason, there are several investigations in this area. It is in this context that the present study is inserted, and its main purpose is to observe and evaluate a set of verbal clues, in order to identify the most relevant ones that may be considered as indicators of lying behavior. Methodologically, it consists of an experimental setting where 10 participants (7 females and 3 males) answered the same question, honestly or dishonestly. The answers were recorded in short videos, with two trials for each of the three questions asked to each subject, making a total of 60 videos. Subsequently, these videos were observed by a subject-evaluator, who interpreted and analyzed the participants' behavior based on verbal indicators of deception, and it was possible to confirm the existence of the following common response patterns: “diversity of speech”, “length of response”, “hesitations in speech” and “use of self-references” at the inter-individual level, and “indirect, evasive or distant responses” at the intra-individual level.

Keywords: deception, deception clues, verbal indicators, common response pattern

Agradecimentos

Chegado o fim deste longo percurso, importa agradecer a quem me acompanhou e a quem contribui para que, no meio de percalços e desafios, a motivação não faltasse, tornando todo este processo muito mais leve.

Ao Professor Doutor Rui Paixão pela disponibilidade, orientação e ajuda constantes, mesmo quando as circunstâncias foram mais complicadas.

À minha família. À minha mãe, aos meus avós e ao meu padrasto, por me terem conseguido proporcionar a oportunidade de estudar na eterna cidade dos estudantes e por todo o apoio, força e compreensão incondicionais, e por acreditarem em mim.

À Sara, por ter estado presente, incondicionalmente, por nunca deixar que me faltasse a motivação para continuar, por toda a paciência e conselhos, e por vibrar com as minhas conquistas como se fossem dela.

À Raquel, à Rafa, à Xana e à Juca, pelo incentivo, por não aceitarem os meus “não” a uma ida ao café, por todas as histórias, peripécias e pequenos grandes momentos que jamais esquecerei, e por terem contribuído para que estes fossem dos melhores anos da minha vida.

A todos estes e aos restantes que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta minha viagem e que, de alguma forma, me fizeram crescer enquanto pessoa, estudante e futura profissional, o meu profundo e sincero obrigado.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	2
1.1 Mentira: O que é?	2
1.2 Formas de deteção da mentira e dificuldades associadas	4
1.3 Comportamento verbal na mentira	7
1.4 Comportamento não-verbal na mentira.....	11
II – Objetivos	13
III – Metodologia	14
3.1 Amostra	14
3.2 Instrumentos	14
3.3 Procedimentos experimentais	14
IV – Apresentação e Discussão dos Resultados	15
Conclusões	15
Bibliografia	26
Anexos.....	30

Introdução

Mentir é uma ação intrínseca do ser humano e detém um papel ambíguo na comunicação entre as pessoas: tanto pode ser prejudicial, como pode ser inofensivo e inclusive trazer benefícios.

Ainda que a frequência com que se mente seja uma questão difícil de investigar, porque depende de variadíssimos fatores (contexto, características do indivíduo e do recetor da mentira), a grande maioria dos resultados dos estudos feitos mostram que a mentira é algo recorrente, que está presente diariamente (DePaulo, Kashy *et al.*, 1996; Tyler, Feldman & Reichert, 2006), seja de forma ativa (i.e., quando enganamos intencionalmente alguém), ou de forma passiva (i.e., quando somos enganados por outrem). Ainda assim, as pessoas tendem a menosprezar a sua habilidade para mentir (Elaad, 2003), não só porque há uma tendência para sobrestimar a transparência dos nossos sentimentos, pensamentos e emoções para com os outros, como também porque as nossas perceções sobre nós próprios tendem a ser caracterizadas por ilusões positivas (Taylor & Brandon, 1998, citado por Vrij, 2008), fazendo com que acreditemos que somos mais morais que os outros (Kaplar & Gordon, 2004). Para além disso, embora as mentiras mais comuns sejam aquelas a que chamamos de “mentiras leves”¹, as pessoas lembram-se mais das “mentiras pesadas”², que são mais fáceis de detetar (Elaad, 2003). Por fim, um último fator que contribui para este menosprezar da capacidade de mentir, consiste no facto de as pessoas se lembrarem melhor das vezes em que a mentira foi malsucedida, especialmente se dessa falha advieram consequências negativas (Vrij, 2008).

Por ser algo tão presente no dia-a-dia do ser humano, vários têm sido os estudos feitos sobre o tema, inclusivamente em contexto forense. Parte destes estudos incidem sobretudo na deteção da mentira (i.e., o estudo de pistas verbais e não-verbais, fisiológicas e/ou cognitivas que indicam se alguém está a mentir ou não), já que existem bases empíricas substanciais que mostram que, quer pessoas leigas, quer investigadores treinados, têm uma capacidade reduzida no que diz respeito à distinção entre indivíduos que

¹ Entende-se por “mentiras leves” aquelas que são inofensivas para o recetor da mentira e que podem, inclusivamente, beneficiá-lo. Servem, não raras vezes, para ajudar na socialização (Elaad, 2003; Vrij, 2008).

² O conceito de “mentiras pesadas” refere-se às mentiras que prejudicam, de alguma forma, os sujeitos que são alvos das mesmas e que têm um maior impacto, quando descobertas (Vrij, 2008).

mentem e indivíduos que são honestos, devido a um conjunto de razões que serão explicadas posteriormente (Vrij *et al.*, 2008). Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo estudar quais os indicadores verbais da mentira que mais comumente servem de base para avaliar se um testemunho é honesto ou desonesto.

I – Enquadramento Conceptual

1.1 Mentira: O que é?

Várias são as definições sobre o conceito de mentira, mas a mais comum pertence a Mitchell (1986, citado por Vrij, 2008), que caracteriza a mentira como uma falsa comunicação que tende a favorecer o comunicador/emissor. Contudo, ainda que seja a definição mais conhecida, é um tanto controversa, uma vez que parece estar implícito que toda a gente mente, mesmo quando não é o caso (por exemplo, quando enganamos os outros sem intenção, ou erradamente). Em contrapartida, Krauss (1981) e outros investigadores, definem a mentira como um ato que pretende promover, intencionalmente, noutra pessoa, uma crença que o emissor considera ser falsa, ressalvando que é possível mentir-se sem se recorrer a palavras (por exemplo, ocultando informação de alguém, de forma deliberada, ou mesmo através do comportamento, como acontece nas atividades desportivas). Importa referir que, nesta definição, o sarcasmo não é considerado uma mentira, já que o emissor pretende que as pistas sejam visíveis. Já Vrij (2008), caracteriza a mentira como uma tentativa deliberada, sucedida ou não, de criar em outrem uma crença que o comunicador considera ser falsa. De salientar que, o facto de esta ser definida como um ato deliberado, implica que uma contradição, entre duas pessoas, não seja necessariamente uma mentira.

Quando as pessoas pensam no ato de mentir, estas tendem a pensar imediatamente nas mentiras que são ditas para ganhar recompensas materiais, ou para evitar perdas materiais ou castigos. No entanto, pesquisas feitas sobre o tema, evidenciam a natureza ambígua da mentira e a ampla diversidade motivacional do ato (DePaulo & Bell, 1996; DePaulo & Kashy, 1998; DePaulo, Kashy *et al.*, 1996; Kashy & DePaulo, 1996; citados por Vrij, 2008). Segundo Vrij (2007), estes motivos podem ser divididos em três dimensões, ou seja, as pessoas podem mentir para benefício próprio, para benefício de outrem, ou ainda por razões materiais ou psicológicas (por

exemplo: mentiras para evitar perdas materiais e/ou punições, ou mentiras para evitar humilhações, respetivamente). Independentemente do rumo da mentira, i.e., se esta é orientada para o próprio ou para o outro, podem distinguir-se três principais tipos de mentira: mentiras diretas/não ocultas, exageros e mentiras subtis. As mentiras diretas, são mentiras em que a informação transmitida é contrária ao que o emissor realmente acredita ser “verdade”. Já os exageros consistem em mentiras nas quais os factos são sobrevalorizados ou, pelo contrário, subvalorizados (por exemplo, as pessoas podem exagerar no demonstrar de remorsos relativamente a um crime que cometeram, ou podem diminuir os gastos numa compra). Por fim, no que diz respeito às mentiras subtis, estas envolvem verdades literais que têm como propósito enganar o outro (DePaulo, Kashy *et al.*, 1996). Ainda dentro das mentiras subtis, existem as omissões, que envolvem a omissão de informações, através do evitamento de uma questão ou da omissão de detalhes importantes. Geralmente, as pessoas que mentem preferem recorrer a omissões, uma vez que são mais fáceis, no que diz respeito ao esforço cognitivo, e mais difíceis de detetar. Este tipo de mentira é, normalmente, visto como menos negativa do que as mentiras diretas, denominadas também falsificações (Ekman, 1997).

No que concerne à existência de características pessoais específicas que indiquem se aquela pessoa poderá ter mais propensão para mentir, com maior frequência, vários estudos têm sido levados a cabo. No que diz respeito ao género, não foram encontradas diferenças quanto à frequência com que homens e mulheres mentem (DePaulo, Kashy *et al.*, 1996), mas sim quanto ao tipo de mentiras que são contadas. Ou seja, constatou-se que existe uma certa tendência para os homens dizerem mais mentiras orientadas para o próprio, enquanto as mulheres tendem a dizer mais mentiras orientadas ao outro, particularmente a outras mulheres (DePaulo, Kashy *et al.*, 1996). Quanto ao fator idade, ainda que exista um debate acerca da idade na qual as crianças começam a mentir, existe algum consenso sobre o facto de estas serem capazes de dizer mentiras logo a partir dos 4 anos de idade. Vários estudos sugerem que as crianças começam por dizer mentiras com o objetivo de evitar o castigo (Bussey, 1992; Lewis, 1993; Saarni, 1979; Stouthamer-Loeber, 1986; Wilson, Smith, & Ross, 2003; citados por Vrij,

2008), e só mais tarde surgem as mentiras para obter recompensas e para proteger a autoestima (Bussey, 1992, citado por Vrij, 2008).

Outra característica pessoal que pode indicar se a pessoa poderá ter mais propensão para mentir, com maior frequência, é a personalidade. Primeiramente, constata-se que os estilos de vinculação, desenvolvidos na infância, influenciam a frequência com que os indivíduos mentem nas relações amorosas (Cole, 2001). Assim sendo, e tendo por base a Teoria da Vinculação de Bowlby, indivíduos com tipos de vinculação evitante (i.e., falta de confiança, medo da intimidade e evitamento de aproximações) e ansiosa (i.e., baixa autoestima, medo do abandono, ciúmes, grande nível de dependência) mentem mais aos parceiros românticos, seja para protegerem a sua privacidade e estabelecerem limites, seja para criar uma imagem mais positiva e desejável de si mesmos (Cole, 2001). Indivíduos que sofrem de psicopatia, mentem de forma mais persistente e sem qualquer pudor, por forma a explorarem os outros (Vrij, 2008). Por fim, pessoas extrovertidas também tendem a mentir mais frequentemente do que aquelas que são introvertidas, uma vez que têm mais interações sociais (Kashy & DePaulo, 1996; Weiss & Feldman, 2006; citados por Vrij, 2008).

1.2 Formas de deteção da mentira e dificuldades associadas

Análises de variáveis psicofisiológicas do discurso e de comportamentos não-verbais dos sujeitos têm sido formas de deteção da mentira utilizadas, ao longo dos anos, nos variadíssimos estudos feitos sobre o tema. No que diz respeito às respostas psicofisiológicas, estas são registadas através do polígrafo, uma máquina que mede a pressão sanguínea, a respiração e a atividade eletrodérmica. Ainda que esta técnica não permita detetar mentiras, permite avaliar atividades fisiológicas que poderão estar associadas a esse comportamento (Vrij, 2008). Importa referir que os dois sistemas mais utilizados são o “Teste com Questão de Controlo” (Paradigma da Pessoa Culpada) e o “Teste do Conhecimento Culpado” (Paradigma do Conhecimento Culpado). No que diz respeito ao Paradigma da Pessoa Culpada, este usa simultaneamente diferentes medidas psicofisiológicas (pressão sanguínea e respiração) e, consoante as questões de controlo utilizadas, as técnicas podem ser divididas em 3 categorias: técnica das perguntas relevantes/irrelevantes (quando as perguntas de controlo não são

relevantes para o que está a ser investigado); técnica da pergunta de controlo (as perguntas de controlo são construídas em função das perguntas relevantes, e colocadas muito tempo antes, de modo a provocar na pessoa inocente uma reação semelhante àquela que uma pessoa culpada teria, quando responde às questões relevantes); técnica do complexo de culpabilidade (as questões de controlo, que têm o mesmo nível de importância que as questões relevantes, são utilizadas de forma a intimidar e culpabilizar o sujeito) (Vrij, 2003). Relativamente ao Paradigma do Conhecimento Culpado, este é o menos controverso entre os cientistas (ainda que sejam apontadas algumas críticas, nomeadamente, o conhecimento controlado dos factos e o tempo que medeia os acontecimentos e a avaliação), e assenta no pressuposto de que o conhecimento de algo que o sujeito diz não conhecer, suscita reações incontroláveis (Vrij, 2003).

Quanto ao comportamento verbal, este pode ser analisado recorrendo ao *Criteria-Based Content Analysis* (CBCA; Vrij, Edward, Roberts & Bull, 2000; Vrij, 2008), ao *The Activation – Decision - Construction Model* (ADCM; Walczyk *et al.*, 2003; Walczyk *et al.*, 2005), ou ao sistema de monitorização da realidade, *Reality Monitoring* (RM; Granhag & Stromwall, 2004; Vrij, 2008), abordados posteriormente, de forma mais detalhada. Já a análise do comportamento não-verbal, passa pela observação não só de pistas vocais, como por exemplo, as hesitações, os erros e a velocidade do discurso, as alterações no tom de voz, como também de pistas visuais, i.e., contacto visual, ou movimentos corporais (por exemplo, movimentos do tronco, da cabeça, das mãos e dedos, entre outros) (Vrij, 2008).

Para além das técnicas mencionadas acima, importa referir que têm vindo a ser desenvolvidos métodos que se baseiam na avaliação do esforço cognitivo associado aos processos intelectuais exigentes. Ativar uma verdade acontece, a maioria das vezes, de forma automática, enquanto a ativação de uma mentira é feita de forma deliberada e intencional, exigindo por isso, em várias situações, um esforço cognitivo maior (Walczyk *et al.*, 2003). Essa carga cognitiva tende, conseqüentemente, a deixar pistas verbais e não-verbais, que podem ajudar na deteção da mentira (Frank, Menasco, & O'Sullivan, 2008). Esta exigência cognitiva deve-se, antes de mais, ao facto da criação de uma mentira poder ser algo exigente. Além disso, é provável que o sujeito que está a mentir não tome a sua credibilidade por garantida e,

por essa razão, esteja mais preocupado em não só monitorizar e controlar o seu comportamento para transparecer a imagem de que está a ser honesto (DePaulo & Kirkendol, 1989; Vrij *et al.*, 2008), como também em observar de forma minuciosa o comportamento do entrevistador, numa tentativa de perceber se este está a acreditar na história que está a ser contada (Buller & Burgoon, 1996; Schweiter *et al.*, 2002; citados Vrij *et al.*, 2008). Contudo, é de salientar que a exigência cognitiva não acontece apenas em situações em que o sujeito tem de construir uma mentira e, por esse motivo, importa ampliar as diferenças entre quem é desonesto e quem diz é honesto, por forma a ser possível uma distinção correta. Neste sentido, alguns dos métodos utilizados consistem em, por exemplo, pedir aos entrevistados que relembrem eventos de forma cronologicamente inversa, ou indicar-lhes a realização de duas tarefas em simultâneo, já que tal envolve uma mudança rápida na atenção (Broadbent, 1957; Vrij *et al.*, 2006; citados por Vrij *et al.*, 2008). Questionar os sujeitos de forma inesperada fará com que estes não possam planear a sua resposta, i.e., a mentira, contribuindo isso para uma maior carga cognitiva e, conseqüentemente, para que isso se reflita nas respostas verbais (Vrij & Granhag, 2014; Walczyk *et al.*, 2003). Outra técnica que também pode contribuir para incrementar a carga cognitiva consiste em pedir aos sujeitos que forneçam mais detalhes (visuais, auditivos, contextuais), já que fornecer tantos detalhes quanto aqueles que seriam dados por uma pessoa honesta exige um maior esforço cognitivo.

Contrariamente à tendência que existe, por parte das pessoas, para menosprezar a capacidade de mentir, tal como foi mencionado anteriormente, as pessoas tendem também a sobrestimar a sua capacidade para detetar mentiras (Elaad, 2003). Todavia, muitas mentiras mantêm-se indetetáveis devido a um conjunto de fatores, nomeadamente, a falta de motivação por parte dos recetores, i.e., frequentemente, as pessoas não tentam detetar mentiras porque não querem saber a “verdade” (o chamado “Efeito Avestruz”). Existem várias razões para as pessoas preferirem manter-se na ignorância ao invés de quererem saber a “verdade”. Além de, por vezes, uma mentira poder soar melhor que a “verdade”, os indivíduos, muitas vezes, tendem a não investigar a veracidade daquilo que lhes é dito, porque temem as conseqüências que a “verdade” trará, ou não iriam saber o que fazer com a informação que lhes seria dada (Vrij, 2008).

Para além da falta de motivação, outros dois fatores que contribuem para que as mentiras se mantenham indetetáveis são as dificuldades associadas à deteção da mentira e os erros cometidos comumente, inclusive por investigadores treinados. Apesar da vasta investigação na área, não existe uma única resposta verbal, não-verbal ou fisiológica associada à mentira, já que estas podem ocorrer de forma diferente, em função do contexto e dos próprios sujeitos, levando a que, muitas vezes, sejam cometidos erros por parte dos observadores (Vrij, 2008). Assim sendo, a falta de precisão dos observadores é um dos erros mais cometidos, em particular nas entrevistas policiais, e prende-se com o facto de estes adotarem uma postura um tanto passiva, tendendo a monitorizar comportamentos e a procurar pistas verbais e não-verbais (referidas posteriormente), tipicamente associadas a quem mente. Por exemplo, tanto profissionais como pessoas comuns esperam que quem minta mostre, de alguma forma, sinais de nervosismo (por exemplo, inquietação, quebra no contacto visual). Contudo, este tipo de sinais está dependente da personalidade/motivação dos envolvidos e da própria situação, i.e., por exemplo, se a mentira tiver importância para o sujeito que a está a dizer e se existirem consequências, caso a mentira seja descoberta. Nestes casos, é muito provável que surjam pistas significativas que ajudem a discernir quem está a mentir e quem está a ser honesto (De Paulo *et al.*, 2003; Frank, Menasco, & O'Sullivan, 2008). Esta relação, no entanto, não é tão linear assim, uma vez que estas pistas também podem ser visíveis numa pessoa inocente/honesta que esteja numa situação que exija um grande esforço emocional e mental (Frank, Menasco, & O'Sullivan, 2008), dificultando assim a tarefa de distinguir quem está a mentir e quem está a ser honesto.

1.3 Comportamento verbal na mentira

À semelhança do que acontece com o comportamento não-verbal, a deteção de comportamentos/pistas verbais é difícil, havendo múltiplos fatores e indicadores a ter em conta. Ainda assim, alguns aspetos que influenciam o comportamento não-verbal afetam, de igual modo, o comportamento verbal. As emoções negativas, como a culpa e o medo, podem refletir-se no discurso do sujeito que está a mentir através de comentários negativos (por exemplo, uso de palavras negativas como

“odeio” ou “inútil”), podendo também fazer com que as respostas sejam muito gerais, diretas e/ou evasivas (Vrij, 2008). O esforço cognitivo, associado à construção de uma mentira ou ao recordar de informações [simuladas] ditas anteriormente, também pode levar a que o tamanho das frases seja mais curto e a que sejam dados, por parte dos sujeitos, poucos detalhes, resultando isso num discurso mais geral e até, por vezes, contraditório. Além disso, várias pesquisas evidenciam que um maior tempo de latência (i.e., um maior espaço de tempo entre o fim de uma questão e o início da resposta à mesma), mais pausas (entre palavras ou frases), e mais hesitações e/ou erros no discurso são características associadas a sobrecarga cognitiva (Sporer & Schwandt, 2006). Também as tentativas de controlo e a falta de envolvimento podem levar ao uso de uma linguagem mais geral, à utilização de afirmações não muito detalhadas ou ao fornecimento de informações irrelevantes, de modo a que as probabilidades de descobrir a mentira, por parte do observador, sejam escassas (Vrij, 2008).

Tal como já foi mencionado anteriormente, existem várias técnicas que permitem avaliar a veracidade das declarações verbais. Ora, no que diz respeito ao sistema de monitorização da realidade, ou *Reality Monitoring* (RM), este método tem em conta aspetos verbais do discurso e assenta na premissa de que histórias realmente vivenciadas pelos sujeitos são mais simples de reconstruir, quando assim é pedido, e contêm mais detalhes contextuais, perceptivos e afetivos do que histórias fabricadas (Sporer, 2004).

O *Statement Validity Assessment* (SVA) é a técnica mais utilizada para avaliar a veracidade de discursos, tendo sido amplamente utilizada na avaliação de depoimentos em julgamentos, nomeadamente, e numa fase inicial, na avaliação de depoimentos de crianças, em julgamentos de crimes de abuso sexual (Vrij, 2000, citado por Vrij, 2005). O SVA é composto por 4 fases: uma análise do caso; uma entrevista semiestruturada, por forma a obter-se uma declaração por parte do entrevistado; uma análise da qualidade dessa mesma declaração, através do *Criteria-Based Content Analysis* (CBCA); uma avaliação dos resultados obtidos no CBCA utilizando o *Validity Checklist* (Vrij, 2005). O CBCA, composto por uma lista de 19 critérios verbais, tem por base a chamada hipótese de *Undeutsch*, um psicólogo alemão que refere que a descrição de acontecimentos verdadeiramente experienciados difere em conteúdo e qualidade dos relatos

que têm por base fabricações (Steller & Köhnken, 1989). Espera-se que, quantos mais critérios estiverem presentes no(s) relato(s), mais verdadeiro será o depoimento (Memon, Vrij & Bull., 2003; Vrij, 2005). Todavia, os resultados obtidos no CBCA podem ser afetados por outros fatores que não a veracidade do discurso (por exemplo, um depoimento verdadeiro pode ter falta de detalhes, porque o sujeito está preocupado). Neste sentido, a *Validity Checklist* irá avaliar, através de um conjunto de questões que guiarão o avaliador a explorar e considerar interpretações alternativas, os resultados obtidos no CBCA. Cada vez que uma interpretação alternativa é rejeitada, com mais segurança se assume que os resultados obtidos no *Criteria-Based Content Analysis* refletem um depoimento verdadeiro (e vice-versa) (Vrij, 2005; Vrij, 2008).

Por fim, de acordo com o *The Activation-Decision-Construction Model* (ADCM; Walczyk *et al.*, 2003, 2005), o tempo de resposta pode ser uma pista relevante na deteção da mentira, já que mentir exige uma maior carga cognitiva levando isso, conseqüentemente, a maiores tempos de resposta por parte dos sujeitos (Walczyk *et al.*, 2003). Tal como o nome indica, o modelo refere a existência de três processos cognitivos: a ativação, a decisão e a construção. A componente da ativação diz respeito à codificação de uma questão e à recuperação, desencadeada pela questão, de códigos episódicos ou semânticos, i.e., depois da questão ser feita, a informação relevante da memória episódica e semântica é ativada, e a verdade é transferida da memória a longo prazo (MLP) para a memória de trabalho (MT). Assim que a resposta honesta é ativada, as memórias semânticas e episódicas ligadas à mesma estão disponíveis, e a pessoa que optar por ser honesta, passa logo para a resposta. Importa salientar que a decisão de responder honestamente é tomada antes de ouvir a questão (ou seja, tempo de resposta curto), ou seja, os indivíduos que não tomam essa decisão *a priori*, têm de decidir se ser honesto será benéfico ou não para o próprio (componente da decisão). Caso isso não se verifique, na componente da construção, a geração da mentira irá inibir a verdade que tinha sido ativada e o ser consistente e congruente à medida que vai dando as respostas. Todo este processo irá aumentar a carga cognitiva e, conseqüentemente, fará com que o tempo de resposta aumente (Walczyk *et al.*, 2003, citado por Walczyk, Mahoney, Doverspike & Griffith-Ross, 2009). Importa referir, porém, que de acordo com o modelo

ADCM, habilidade para antecipar questões e formular respostas irá diminuir a carga cognitiva.

Este modelo serviu de base para o desenvolver de um novo método: o *Time Restricted Integrity Confirmation* (TRI-Con; Walczyk *et al.*, 2005, 2009). Este pretende maximizar a carga cognitiva nas pessoas que são desonestas e, conseqüentemente, minimizar naquelas que são honestas, e impedir (ou expor) quaisquer tentativas de redução desta carga cognitiva através, por exemplo, do ensaio de respostas. Ora, sob este teste, não será possível que os sujeitos prevejam as perguntas, minimizando assim as hipóteses de ensaios, e as questões estão escritas de modo que, até à última palavra da pergunta, nenhuma memória-alvo seja ativada. Importa referir que o examinador, antes dos entrevistados responderem às questões-foco, irá fornecer aos mesmos uma série de pistas (*prompts*) que irão ativar memórias relacionadas com as perguntas principais, fazendo com que a necessidade de procura na MLP seja menor. Para além disso, é pedido aos sujeitos que respondam o mais rápido possível, sendo estes avisados de que a demora na resposta poderá ser interpretada como uma evidência de que estão a mentir (Walczyk *et al.*, 2005; Walczyk, Mahoney, Doverspike & Griffith-Ross, 2009). Em suma, os sujeitos que mentem e que são mais prudentes ao dar uma resposta, serão mais consistentes no discurso, mas terão maiores tempos de resposta (Walczyk *et al.*, 2005).

Vários estudos foram feitos acerca das pistas verbais na mentira e Vrij (2008) enuncia, de forma sumarizada, os resultados encontrados em 69 investigações feitas. Assim sendo, constatam-se algumas diferenças entre os discursos honestos e enganosos, nomeadamente, uma maior presença de comentários negativos/afirmações aversivas e de termos gerais, e uma menor plausabilidade e menor uso de autorreferências nos relatos desonestos. Também em vários destes estudos se observou que os sujeitos que foram desonestos eram menos imediatos na sua resposta (ou seja, maior tempo de latência), ainda que estes resultados não sejam unânimes a todos os estudos feitos. Para além disso, os resultados relativamente ao tamanho da resposta não foram conclusivos, da mesma forma que não parece existir qualquer ligação quer entre a diversidade no discurso (por exemplo, fornecimento de

exemplos para fundamentar o discurso), quer entre as contradições e a mentira.

Importa referir que, numa meta-análise quantitativa levada a cabo por DePaulo, Lindsay *et al.* (2003), as descobertas mencionadas acerca do tempo de latência ser maior nos relatos enganosos foram fortemente apoiadas, ainda que não se tenha verificado o mesmo em todos os estudos. No entanto, no que diz respeito à presença de um maior número de comentários negativos e a uma menor plausibilidade quando o sujeito é desonesto, esta relação foi encontrada, ainda que seja um tanto fraca.

1.4 Comportamento não-verbal na mentira

Existem três perspetivas teóricas que discutem as diferenças no comportamento não-verbal entre quem é desonesto e quem diz é honesto. Não obstante, todas elas têm dois pontos em comum: preveem que mentir não alterará, automaticamente, o comportamento do sujeito e não desconsideram que as pistas que poderão surgir quando uma pessoa está a ser desonesta poderão ocorrer, igualmente, numa pessoa que esteja a ser honesta (Vrij, 2008).

De acordo com o Modelo Multifatorial de Zuckerman, DePaulo e Rosenthal (1981), existem três fatores que podem contribuir para que a mentira fique comprometida: a reação emocional, o esforço cognitivo e as tentativas de controlo do comportamento. No que diz respeito à reação emocional, segundo Ekman (1989), existem três emoções que, comumente, influenciam o comportamento de quem mente, nomeadamente, a culpa e o medo, emoções negativas que podem resultar em sinais de retirada (por exemplo, menor contacto visual ou hesitações e erros no discurso, respetivamente), e a excitação/alegria, que pode provocar um aumento dos movimentos e sorrisos (Vrij, 2003). Quanto ao esforço cognitivo, tal como já foi referido anteriormente, a formulação de uma mentira pode exigir um maior esforço mental, uma vez que os sujeitos têm de ser credíveis e têm de tentar ir ao encontro das informações que o observador possa já saber, ou que saberá *a posteriori*. Por fim, relativamente ao controlo do comportamento, haverá uma tentativa de autocontrolo por parte de quem está a ser desonesto, para que não sejam exibidos comportamentos que se creem, no senso comum, estar ligados à

mentira/desonestidade (por exemplo, desviar o olhar e maior número de movimentos, entre outros). Assim sendo, o comportamento dos sujeitos que estiverem a mentir tenderá a ser mais fixo e menos espontâneo (Vrij, 2003). Importa salientar, contudo, que evitar que alguns comportamentos sejam exibidos é, não raras vezes, bastante complicado, já que alguns deles estão além do controlo da pessoa, porque estão ligados a emoções muito fortes (Vrij, 2008).

A perspetiva da Autoapresentação de DePaulo, Lindsay, *et. al.* (2003), postula que os sujeitos que mentem experienciam um maior sentido de consciência nas suas *performances* e que, por esse motivo, estarão mais preocupados em transparecer, para os outros, uma melhor impressão. Além disso, esta perspetiva sublinha que o experienciar de emoções e de carga cognitiva ocorre também em quem diz a “verdade”, podendo isto levar a que, pessoas que estejam a ser honestas, mostrem comportamentos associados a alguém que mente (Ofshe & Leo, 1997, citado por Vrij, 2008).

A Teoria do Engano Interpessoal (IDT), de Buller e Burgoon (1996), postula a existência de uma influência mútua entre o emissor da mentira e a pessoa que está a ser alvo da mentira, i.e., o comportamento da “pessoa-alvo” pode influenciar, direta ou indiretamente, a forma como se comporta o emissor e, inclusive, fazer com que este ajuste os seus comportamentos, por forma a diminuir suspeitas e pareça [mais] credível (Burgoon *et al.*, 1999, citado por Vrij, 2008).

Ao longo do tempo, vários foram os estudos feitos acerca das pistas não-verbais na mentira, numa tentativa de se obter uma resposta à questão “Como é que as pessoas se comportam quando mentem?”. Todavia, ainda que os resultados não sejam unânimes, foram encontrados alguns padrões de comportamento em comum, o que nos indica que existem algumas pistas não-verbais menos erróneas que outras, quanto à distinção entre quem está a dizer a “verdade” e quem não está. Neste sentido, verificou-se que, quem é desonesto, inclui pausas maiores no seu discurso (pausas maiores, mas não com mais frequência, comparativamente com quem é honesto), tende a falar num tom de voz mais alto, ainda que sejam apenas alguns *Hertz*, e tende a apresentar menos movimentos de mão/dedos e de braço, feitos habitualmente para complementar o que está a ser dito (Vrij 2008). Para além disso, os resultados de uma meta-análise feita por DePaulo, Lindsay *et*

al. (2003) mostram que, entre 100 comportamentos estudados, foram obtidos resultados significativos apenas para 21, nomeadamente, tom de voz, *illustrators*, movimentos de mãos e dedos, dilatação da pupila, ambivalência, incerteza vocal e verbal, tensão/nervosismo, tensão vocal, queixo mais para cima, repetição de frases e palavras, maior pressão nos lábios, envolvimento vocal e verbal e menos expressões faciais suaves.

Em suma, não existem pistas não-verbais únicas que indiquem se alguém está a ser desonesto. Vários fatores podem influenciar o comportamento dos sujeitos e, por esse motivo, é importante que os observadores tenham cuidado na análise e interpretação das alterações comportamentais que efetuam, uma vez que estas podem não significar, necessariamente, que uma pessoa esteja a mentir.

II – Objetivos

O objetivo deste estudo passa pela avaliação de algumas pistas verbais como indicadores do comportamento de mentira *versus* comportamento honesto. Os indicadores em estudo incluem:

- Afirmações que indicam aversão a um objeto, pessoa ou opinião;
- Uso de termos gerais (“sempre”, “nunca”, “ninguém”);
- Uso de autorreferências (“eu”, “meu”, “mim”);
- Respostas indiretas, evasivas ou distantes;
- Hesitações no discurso (“ah”, “hum”, “eee...”);
- Tamanho da resposta ou número de palavras utilizadas;
- Tempo de latência (tempo entre o fim da pergunta e o início da resposta);
- Diversidade do discurso (expressões variadas, exemplos verbais ilustrativos);
- Presença de contradições/inconsistências.

Com base nestes indicadores, pretende-se saber se o comportamento dos sujeitos evidencia a existência de padrões comuns, interindividuais ou intraindividuais. Pretende-se também saber, ainda neste contexto, se há indicadores mais relevantes do que outros.

III – Metodologia

3.1 Amostra

O estudo inclui 10 participantes, 7 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idades entre os 20 e os 24 anos ($M = 21.6$; $DP = 1.3$). Todos os sujeitos são estudantes universitários e têm, em média, 14 anos de escolaridade concluídos. Estes 10 sujeitos realizaram 6 pequenos vídeos, cada um na sequência das respostas dadas a 3 questões nas duas condições experimentais (condição 1: responde de forma honesta; condição 2: responde de forma desonesta).

A observação e avaliação dos vídeos antes referidos, foi feita por um sujeito-avaliador, do sexo feminino, com 17 anos completos de escolaridade. O avaliador tem conhecimento de todo o processo de investigação e, por essa razão, a observação não é totalmente “cega”. No entanto, importa referir que só após a visualização dos vídeos e a respetiva classificação dos indicadores em avaliação, é que o avaliador tomou conhecimento das situações correspondentes à condição 1 e à condição 2.

3.2 Instrumentos

Foi construída uma tabela interpretativa (Anexo A), para facilitar a observação e conseqüente análise dos vídeos. Esta tabela tem como base os indicadores verbais da mentira mais estudados, de acordo com Vrij (2008). Com base nesta tabela, pretende-se que, à medida que o sujeito-avaliador observe os vídeos, assinale os indicadores presentes, considerando a sua quantidade, no relato observado, de modo a facilitar a posterior comparação entre condições para cada um dos sujeitos. Para além disso, foram contruídas outras tabelas (Anexo B), que auxiliaram a quantificação de cada um dos indicadores verbais, por sujeito.

Os itens presentes na tabela interpretativa são os referidos anteriormente.

3.3 Procedimentos experimentais

O estudo realizado teve como base um *setting* experimental, construído em 2018-2019 para a investigação na área. Este *setting* consistiu em solicitar a 10 participantes que respondessem de forma honesta, e depois de forma desonesta, a três questões: 1) “O que gostas mais de fazer nos teus tempos livres?”; 2) “Qual o teu desporto favorito?”; 3) “Qual é o teu tipo de férias preferido?”. As respostas foram gravadas em vídeo (formato “MOV”). Antes

da filmagem dos vídeos, foi entregue, a cada um dos participantes, um termo de autorização/consentimento informado e um questionário sociodemográfico, não sem antes lhes ter sido explicado, de forma detalhada, as condições e finalidade do estudo.

As duas condições experimentais incluíram os sujeitos que responderam honestamente às questões (condição 1) e os que mentiram nas respostas às perguntas, ainda que tentando agir de forma natural (condição 2). Deste modo, por forma a facilitar a interpretação dos resultados, foram atribuídas codificações a cada uma das questões, bem como às respostas. Ou seja, a primeira questão tem associada o código A e as respostas A1 e A2 (relativas às duas condições); a segunda questão corresponde ao código B e as respostas aos códigos B1 e B2 (relativas às duas condições); a terceira questão associa-se ao código C e as respostas aos códigos C1 e C2 (relativas às duas condições). Importa realçar que estas codificações são aleatórias, i.e., não representam uma ordem relativa às condições definidas para o estudo, uma vez que, tal como foi referido anteriormente, numa primeira fase, estas condições não são conhecidas.

Com base nestes dados, procedemos à visualização dos relatos em vídeo dos sujeitos de modo a interpretar e analisar o comportamento dos participantes, tendo por base os indicadores verbais da mentira, previamente mencionados.

IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

A análise dos vídeos baseou-se na comparação, por sujeito, entre o que foi observado nas duas condições experimentais do presente estudo, i.e., relato honesto vs. relato desonesto, e os principais indicadores verbais da mentira. Em seguida, para cada sujeito, serão apresentadas pequenas tabelas que sumarizam os indicadores observados com alguma significância diferencial entre as duas condições. De referir que em anexo se apresentam os resultados totais para cada indicador (Anexo B).

Neste sentido, no que diz respeito ao sujeito 1 (Tabela 1), é possível constatar a existência de um possível padrão comum de resposta quanto ao indicador “tempo de latência”, uma vez que se verifica um mesmo padrão nas respostas A1, B1 e C1, distinto do padrão observado em A2, B2 e C2. Após a tomada de conhecimento sobre quais os relatos verdadeiros e quais

os desonestos, confirma-se que, de facto, o sujeito evidenciou um maior tempo de latência, i.e., um maior intervalo de tempo entre o final da questão e o início da resposta, nos seus relatos honestos. Observa-se, também, que o sujeito, ao longo de todos os ensaios, deu respostas mais longas quando foi desonesto e evidenciou um maior número de hesitações no discurso, nos seus relatos honestos, constituindo isto um padrão específico para cada uma das condições. Para além disso, em nenhum dos ensaios o sujeito foi incoerente ou se contradisse (indicador “Contradições/Inconsistências) e, por isso mesmo, este padrão geral negativo às duas condições não pode ser tido em conta para o presente estudo.

Importa referir ainda que, embora não exista um padrão de resposta propriamente dito, evidenciou-se uma inclinação, por parte do sujeito, para um maior uso de termos gerais e autorreferências nos relatos que, posteriormente, se confirmaram ser honestos (à exceção das respostas nos ensaios A e C, respetivamente). Também existiu uma tendência para o discurso ser mais diverso quando o sujeito foi honesto, mas tal não se verificou no Ensaio B, confirmando-se assim a ausência de padrão (Anexo C, Tabela 19).

Tabela 1. Principais indicadores observados no Sujeito 1 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ³
Tempo de latência	+	-	+	-	+	-
Hesitações no discurso	+	-	+	-	+	-
Tamanho da resposta	-	+	-	+	-	+
Contradições/Inconsistências	=	=	=	=	=	=

No que concerne ao sujeito 2 (Tabela 2), observam-se semelhanças no recurso de alguns indicadores, de ensaio para ensaio, nomeadamente nos itens “tamanho da resposta ou número de palavras utilizadas”, “tempo de latência” e “diversidade do discurso”. Após a análise destes resultados em consonância com a veracidade dos relatos, verifica-se então que o sujeito forneceu respostas mais longas e teve uma maior diversidade de discurso (i.e., fornece mais exemplos ilustrativos acerca do que está a falar, usa

³ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

expressões diferentes), quando está a ser honesto. Constata-se ainda que, nos relatos honestos, o sujeito apresentou um maior tempo de latência em comparação com os relatos desonestos.

De referir que parece existir uma tendência para, nos relatos em que o sujeito foi desonesto, as respostas deste serem mais evasivas ou distantes. No entanto, constata-se uma ausência de padrão, uma vez que nas respostas do segundo ensaio (respostas B1 e B2), tal não se verificou (Anexo C, Tabela 20).

Tabela 2. Principais indicadores observados no Sujeito 2 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ⁴
Tamanho da resposta	+	-	+	-	+	-
Tempo de latência	+	-	+	-	+	-
Diversidade do discurso	+	-	+	-	+	-

Quanto ao sujeito 3 e analisando a tabela interpretativa respetiva (Tabela 3), constata-se um recurso constante ao indicador “hesitações no discurso”, de ensaio para ensaio (A, B e C). Depois da confirmação de quais são os relatos honestos, confirma-se a existência de um padrão de resposta específico a cada uma das condições, ou seja, os relatos desonestos do sujeito apresentaram um maior número de hesitações no discurso (i.e., utilização de “ah”, “hum”, entre outros). Para além disso, verifica-se um padrão geral negativo às duas condições quanto ao indicador “afirmações que indicam aversão”, já que em nenhuma das condições, honesta ou desonesta, se observaram expressões ou afirmações, por parte do sujeito, que indicassem aversão (por exemplo, “odeio”, “isso é inútil”, etc.).

Todos os outros resultados, nos restantes indicadores, mostraram-se contraditórios, como se pode observar na tabela interpretativa (Anexo C, Tabela 21), embora o sujeito tenha mostrado uma tendência para ter um discurso mais diverso quando foi honesto, excetuando nas respostas B1 e B2.

⁴ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

Tabela 3. Principais indicadores observados no Sujeito 3 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ⁵
Hesitações no discurso	+	-	+	-	+	-
Afirmações que indicam aversão	=	=	=	=	=	=

Relativamente ao sujeito 4 (Tabela 4), pode observar-se nos indicadores “afirmações que indicam aversão” e “resposta indireta, evasiva ou distante” um padrão geral negativo às duas condições, ou seja, em ambas as condições (honestas e desonestas) e em todos os ensaios, constata-se que o sujeito não recorreu a qualquer afirmação aversiva, nem foi evasivo nas suas respostas.

Verifica-se uma ausência de padrão quanto a todos os outros indicadores, porém, ao analisar-se a tabela interpretativa, importa destacar que parece ter existido uma maior tendência para o sujeito recorrer a um maior número de autorreferências nos relatos desonestos, ainda que no Ensaio B estas tenham estado mais presentes quando o sujeito foi honesto (resposta B2). Também se observa que houve mais hesitações no discurso do sujeito e respostas mais longas na condição “desonesta”, à exceção das respostas nos Ensaios B e C, respetivamente (Anexo C, Tabela 22).

Tabela 4. Principais indicadores observados no Sujeito 4 (sexo masculino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(D)	B2(H)	C1(H)	C2(D) ⁶
Afirmações que indicam aversão	=	=	=	=	=	=
Resposta indireta, evasiva ou distante	=	=	=	=	=	=

Ao analisar-se os dados do sujeito 5 (Tabela 5), constata-se a existência de um padrão específico para cada uma das condições quanto ao indicador “diversidade do discurso”. Isto confirmou-se, posteriormente, de acordo com a veracidade dos relatos, ou seja, de facto, o sujeito utilizou um maior

⁵ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

⁶ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

número de expressões diferentes e forneceu um maior número de exemplos ilustrativos, de modo a complementar o que estava a dizer, nos relatos em que foi honesto. Evidencia-se também um padrão geral negativo às duas condições quanto ao uso de termos gerais, uma vez que o sujeito não recorreu a este indicador em nenhuma das condições e, por isso mesmo, este não pode ser tido em conta.

Na tabela interpretativa (Anexo C, Tabela 23) pode observar-se que, embora os restantes resultados sejam contraditórios (ou seja, ausência de padrão), os relatos desonestos do sujeito parecem ter presentes mais hesitações, ainda que no Ensaio B tenha recorrido mais a este indicador quando foi honesto. Também quanto ao “tempo de latência”, houve uma propensão para este ter sido maior quando o sujeito não foi honesto, embora no último ensaio este resultado não se tenha verificado (i.e., o tempo entre o fim da pergunta e o início da resposta, no Ensaio C, foi maior quando o sujeito foi honesto). Por fim, o sujeito deu respostas mais longas nos seus relatos desonestos (A2 e C2), com exceção do segundo ensaio (Ensaio B), onde o tamanho das respostas foram equivalentes.

Tabela 5. Principais indicadores observados no Sujeito 5 (sexo masculino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ⁷
Diversidade do discurso	+	-	+	-	+	-
Uso de termos gerais	=	=	=	=	=	=

No que diz respeito ao sujeito 6 (Tabela 6), observam-se padrões gerais negativos às duas condições nos indicadores “afirmações que indicam aversão”, “resposta indireta, evasiva ou distante” e “contradições/inconsistências”. Estes não podem ser considerados neste estudo, uma vez que o sujeito não foi evasivo em nenhuma resposta dos três ensaios (A, B e C), não utilizou qualquer afirmação e/ou expressão aversiva para com algo ou alguém, nem se verificou qualquer inconsistência ao longo dos relatos.

Ainda que se constate uma ausência de padrão quanto a estes indicadores, foi possível constatar que o item “uso de autorreferências”

⁷ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

esteve mais presentes nos relatos honestos do sujeito, ainda que no último ensaio tenham sido utilizadas de forma equivalente em ambas as respostas (C1 e C2) e que existiram mais hesitações de discurso (“ahm”, “hum”, “eee...”) quando o sujeito foi desonesto, à exceção do primeiro ensaio (ensaio A). Também pareceu existir uma tendência para o sujeito dar respostas mais longas na condição “honesto”, observando-se, contudo, no segundo ensaio (Ensaio B), resultados similares neste indicador (Anexo C, Tabela 24).

Tabela 6. Principais indicadores observados no Sujeito 6 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ⁸
Afirmações que indicam aversão	=	=	=	=	=	=
Resposta indireta, evasiva ou distante	=	=	=	=	=	=
Contradições/Inconsistências	=	=	=	=	=	=

Após a análise exploratória dos dados recolhidos do sujeito 7 (Tabela 7), observou-se a existência de um padrão específico para cada uma das condições, no que diz respeito ao uso de autorreferências e um padrão geral negativo às duas condições quanto ao indicador “contradições/inconsistências”. Confirmou-se então que, de facto, o sujeito recorreu a um maior número de autorreferências (como, por exemplo, “mim”, “eu”, “me”) nos relatos onde não foi desonesto (A2, B2 e C2). Já para o outro indicador mencionado, constata-se que em nenhuma condição o sujeito se contradisse ou evidenciou inconsistências no discurso, não podendo por isso ser considerado para este estudo.

Para os restantes itens, os resultados obtidos foram contraditórios. Contudo, importa referir que no que diz respeito ao indicador “tempo de latência” se verifica que os resultados foram consistentes em ambas as condições, à exceção do segundo ensaio (Ensaio B), onde o sujeito demorou mais tempo a iniciar a sua resposta quando foi honesto (Anexo C, Tabela 25).

⁸ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

Tabela 7. Principais indicadores observados no Sujeito 7 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ⁹
Autorreferências	-	+	-	+	-	+
Contradições/Inconsistências	=	=	=	=	=	=

Relativamente ao sujeito 8 (Tabela 8), evidencia-se a existência de padrões gerais negativos às duas condições nos itens “afirmações que indicam aversão” e “contradições/inconsistências”, i.e., o sujeito não recorreu a nenhum destes indicadores em nenhum dos ensaios (A, B e C), independentemente da veracidade das suas respostas e, assim sendo, não podem ser tidos em conta para o estudo. Todavia, existem alguns indicadores para os quais não se conseguiu verificar um padrão de resposta específico para cada uma das condições numa primeira instância, mas que se confirmaram posteriormente (Tabela 8). Primeiramente, observou-se que o sujeito deu respostas “indiretas, evasivas ou distantes” quando foi desonesto. Depois, é possível constatar-se que existiu um maior recurso a “autorreferências” e um discurso mais diverso (indicador “diversidade no discurso”), quando o sujeito foi honesto. Para além disso, o tempo entre o final da questão e o início da resposta (“tempo de latência”) revelou-se maior nos relatos honestos.

Para os restantes indicadores, não foi possível verificar-se a existência de quaisquer padrões. Parece haver, contudo, uma certa tendência para existirem mais hesitações nos discursos honestos do sujeito, ainda que no último ensaio (Ensaio C) tal não se tenha verificado (Anexo C, Tabela 26).

Tabela 8. Principais indicadores observados no Sujeito 8 (sexo masculino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(D)	A2(H)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ¹⁰
Afirmações que indicam aversão	=	=	=	=	=	=
Autorreferências	-	+	+	-	+	-
Resposta indireta, evasiva ou distante	+	-	-	+	-	+

⁹ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

¹⁰ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

Tempo de latência	-	+	+	-	+	-
Diversidade do discurso	-	+	+	-	+	-
Contradições/Inconsistências	=	=	=	=	=	=

No que concerne ao sujeito 9 (Tabela 9), observa-se que existem padrões gerais negativos às duas condições associados aos itens “resposta indireta, evasiva ou distante” e “contradições/inconsistências”, uma vez que em nenhuma das duas condições o sujeito respondeu de forma indireta, nem existiram contradições durante o seu discurso.

Contudo, parece existir uma tendência para, nos relatos desonestos do sujeito, existir um maior número de afirmações aversivas (“odeio”, “não gosto”, “isto é inútil”, etc.) e de hesitações (por exemplo, “ah”, “huum”, “eee...”), não se tendo verificado, contudo, a existência de um padrão quanto a estes indicadores, já que os resultados nos ensaios C e B, respetivamente, foram diferentes. Para além disso, verificou-se também que o sujeito tende a recorrer a um maior número de autorreferências e a dar respostas mais longas (indicador “tamanho da resposta) quando está a ser honesto, ainda que nas respostas do primeiro ensaio (A1 e A2) se tenham constatado resultados diferentes destes, ou seja, um maior uso de autorreferências e uma resposta maior nos relatos desonestos (Anexo C, Tabela 27).

Tabela 9. Principais indicadores observados no Sujeito 9 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ¹¹
Resposta indireta, evasiva ou distante	=	=	=	=	=	=
Contradições/Inconsistências	=	=	=	=	=	=

O sujeito 10 (Tabela 10), evidenciou padrões de resposta específicos para cada uma das condições nos indicadores “hesitações no discurso” e “diversidade do discurso”. Após a análise dos relatos (i.e., depois da confirmação da condição da resposta), constatou-se que, de facto, o sujeito

¹¹ H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

recorreu mais vezes a mais hesitações no discurso, nos seus relatos desonestos e também teve um discurso com mais expressões e com mais exemplos ilustrativos, quando foi honesto. Verificam-se também padrões gerais negativos às duas condições quanto aos indicadores “resposta indireta, evasiva ou distante” e “contradições/inconsistências”, não sendo possível serem tidos em conta para o estudo, pois em nenhuma condição (honesto vs. enganoso) o sujeito deu uma resposta indireta ou evasiva, ou se contradisse ao longo do discurso.

Analisando a tabela interpretativa (Anexo C, Tabela 28), verifica-se que os resultados nos restantes indicadores foram contraditórios. Porém, é possível constatar que, à exceção das respostas no último ensaio (Ensaio C), o sujeito recorreu a um maior número de afirmações aversivas e de termos gerais, e demorou mais para iniciar o seu discurso (indicador “tempo de latência) na condição desonesta (respostas A2 e B2).

Tabela 10. Principais indicadores observados no Sujeito 10 (sexo feminino)

Indicadores	Ensaio A		Ensaio B		Ensaio C	
	A1(H)	A2(D)	B1(H)	B2(D)	C1(H)	C2(D) ¹²
Resposta indireta, evasiva ou distante	=	=	=	=	=	=
Hesitações no discurso	-	+	-	+	-	+
Diversidade do discurso	+	-	+	-	+	-
Contradições/Inconsistências	=	=	=	=	=	=

Analisando os resultados ao nível interindividual e tendo em conta o sexo dos sujeitos observam-se semelhanças quanto aos padrões comuns que surgiram relativamente ao indicador “diversidade do discurso”, i.e., tanto nos sujeitos do sexo feminino como nos sujeitos do sexo masculino, o discurso foi diverso, e utilizaram exemplos ilustrativos, nas respostas honestas. Em contrapartida, apenas nos sujeitos do sexo feminino se verificaram padrões comuns quanto ao tamanho das respostas e às hesitações no discurso. Também os padrões gerais negativos às duas condições encontrados quanto ao indicador “contradições ou inconsistências” mostram que existiu um maior número de relatos de sujeitos feminino (honestos e desonestos) sem

¹² H – Resposta honesta; D – Resposta desonesta.

qualquer inconsistência, em comparação com aos relatos do sexo masculino, uma vez que este padrão surgiu apenas num único sujeito masculino. Os outros indicadores não apresentaram diferenças de grande relevo, muito também devido ao pequeno número de observações existente (3 homens e 7 mulheres).

Ainda numa análise interindividual, constata-se que não existem indicadores que se repitam de forma absoluta, i.e., em todos os 10 sujeitos. Ainda assim, parece existir uma tendência para que alguns indicadores se repitam em, pelo menos, metade dos sujeitos, nomeadamente, “resposta indireta, evasiva ou distante”, e “contradições/inconsistências”. No entanto, nestes indicadores, ainda que se repitam de sujeito para sujeito, nem todos os padrões comuns de resposta encontrados são relevantes para o estudo em causa. Também os indicadores “diversidade do discurso” e “tempo de latência” estão presentes em mais do que um sujeito. De salientar que, no que diz respeito a este último indicador, os resultados observados, ou seja, tempos de latência maiores nos relatos honestos, mostraram-se diferentes daquilo que muitos estudos previram e constataram (DePaulo, Lindsay *et al.*; Sporer & Schwandt, 2006; Walczyk *et al.*, 2003). No entanto, corroboram o que Vrij (2008) constatou no seu próprio estudo e na análise feita a vários estudos na área das pistas verbais da mentira, ou seja, resultados não são unânimes quanto a este indicador, pois nem sempre os sujeitos que não são honestos apresentam tempos maiores entre o fim da pergunta e o início da resposta.

Conclusões

Através deste estudo foi possível constatar-se a existência de padrões comuns de resposta quanto ao recurso a certos indicadores/pistas verbais, por parte dos sujeitos, quando são desonestos. De facto, a nível interindividual, verificou-se uma tendência para que vários sujeitos forneçam um menor número de detalhes e/ou exemplos ilustrativos nos relatos simulados e apresentem um maior tempo de latência quando são honestos. Também em vários sujeitos se observaram padrões de resposta quanto ao indicador “hesitações no discurso” (“ah”, “hum”, “eee...”), estando mais presente nos relatos honestos. Além disso, verificaram-se também padrões quanto ao “tamanho da resposta”, mas estes não foram unânimes, uma vez que num dos sujeitos a resposta foi maior nos relatos desonestos e no outro se constatou o oposto (i.e., respostas menores quando o sujeito foi desonesto). O mesmo se verificou em relação ao “uso de autorreferências” (“eu”, “meu”, “mim”), tendo um dos sujeitos recorrido mais a este indicador quando foi desonesto e o outro, pelo contrário, quando foi honesto. Não obstante, constata-se que alguns padrões comuns de resposta, relevantes para o estudo em causa, apenas se observam individualmente, nomeadamente quanto ao indicador “resposta indireta, evasiva ou distante”, nos relatos desonestos, uma vez que nos restantes sujeitos, para este indicador, apenas se verificaram padrões gerais negativos às duas condições. Neste sentido, pode concluir-se que, de uma forma geral e numa escala mais alargada, existe a possibilidade de se verificarem determinados indicadores verbais quando as pessoas relatam algo desonesto.

Importa referir ainda que com este estudo também se verificou a existência de padrões comuns de resposta sem qualquer relevância, a nível interindividual e intraindividual. É o caso do padrão encontrado quanto às “contradições/inconsistências”, que mostra que na maioria dos discursos dos sujeitos, de ensaio para ensaio, não evidenciam contradições, fossem os relatos honestos ou desonestos. Pode-se concluir então que este indicador não parece estar relacionado com a mentira, corroborando o que outros estudos já evidenciaram (DePaulo, Lindsay *et al.* 2003; Vrij, 2008). Além disso, constatou-se também que as afirmações aversivas para com uma pessoa, objeto ou opinião, não estão necessariamente interligadas com a

mentira, já que os padrões de resposta encontrados mostram que, em mais do que um sujeito, este indicador não está presente em nenhuma das duas condições. Já ao nível intraindividual, constata-se que o padrão de resposta observado no indicador “uso de termos gerais” (sujeito 5), também não possui qualquer relevância, por não se terem verificado diferenças na presença/ausência destes itens, quer o sujeito estivesse a ser honesto, quer estivesse a ser desonesto.

Bibliografia

- Cole, T. (2001). Lying to the one you love: The use of deception in romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, *18*(1), 107-129. doi: 10.1177/0265407501181005.
- DePaulo, B. M., Kashy, D. A., Kirkendol, S. E., Wyer, M. M., & Epstein, J. A. (1996). Lying in everyday life. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*(5), 979-995.
- DePaulo, B. M., & Kirkendol, S. E. (1989). The motivational impairment effect in the communication of deception. In J. C. Yuille (Ed.), *Credibility assessment*, (Vol. 47, pp. 51–70). doi: 10.1007/978-94-015-7856-1_3.
- DePaulo, B. M., Lindsay, J.J., Malone, B.E., Muhlenbruck, L., Charlton, K. & Cooper, H. (2003). Cues to deception. *Psychological Bulletin*, *129*(1), 74-118. doi: 10.1037/0033-2909.129.1.74.
- Elaad, E. (2003). Effects of feedback on the overestimated capacity to detect lies and the underestimated ability to tell lies. *Applied Cognitive Psychology*, *17*, 349–363. doi: 10.1002/acp.871.
- Frank, M. G., Menasco, M. A., & Sullivan, M. O. (2008). Human Behavior and Deception Detection. *Handbook of Science Adn Technology for Homeland Security*, *5*, 1–13. doi:10.1002/9780470087923.hhs299.
- Granhag, P. A., & Strömwall, L. A. (2004). Research on deception detection: Past and present. In P. A. Granhag, & L. A. Strömwall. (Eds.), *The detection of deception in forensic contexts* (Vol. 10, pp. 3-12). Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9780511490071.001
- Kaplar, M. E., & Gordon, A. K. (2004). The enigma of altruistic lying: Perspective differences in what motivates and justifies lie telling within romantic relationships. *Personal Relationships*, *11*, 489–507.
- Krauss, R. M. (1981). Impression formation, impression management, and non verbal behaviors. In E. T. Higgins, C. P. Herman, & M. P. Zanna (Eds.), *Social cognition: The Ontario Symposium* (Vol. 1, pp. 323–341). Erlbaum.

- Memon, A. A., Vrij, A., & Bull, R. (2003). *Psychology and Law: Truthfulness, Accuracy and Credibility* (2nd ed.). Wiley.
- Sporer, S. (2004). Reality monitoring and detection of deception. In P. A. Granhag, & L. A. Strömwall. (Eds.), *The detection of deception in forensic contexts* (Vol. 10, pp. 41-63). Cambridge University Press.
- Sporer, S. L., & Schwandt, B. (2006). Paraverbal indicators of deception: A meta-analytic synthesis. *Applied Cognitive Psychology*, 20, 421-446.
- Steller, M., & Köhnken, G. (1989). Criteria-based statement analysis. In D. C. Raskin (Ed.), *Psychological methods in criminal investigation and evidence* (pp. 217-245). Springer.
- Tyler, J. M., Feldman, R. S., & Reichert, A. (2006). The price of deceptive behavior: Disliking and lying to people who lie to us. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42, 69-77.
- Vrij, A. (2003). *Detecting lies and deceit: The psychology of lying and the implications for professional practice*. Wiley.
- Vrij, A. (2005). Criteria-Based Content Analysis: A Qualitative Review of the First 37 Studies. *Psychology, Public Policy, And Law*, 11(1), 3-41. doi: 10.1037/1076-8971.11.1.3.
- Vrij, A. (2007). Deception: A social lubricant and a selfish act. In K. Fiedler (Ed.), *Frontiers of social psychology: Social communication* (pp. 309–342). Psychology Press.
- Vrij, A. (2008a). *Detecting lies and deceit* (2nd ed.). John Wiley & Sons.
- Vrij, A., Edward, K., Roberts, K. P., & Bull, R. (2000). Detecting Deceit via Analysis of Verbal and Nonverbal Behavior. *The Journal of Nonverbal Behavior*, 4(2), 239–263. doi:10.1111/j.1468-2958.2004.tb00723.x
- Vrij, A., & Granhag, P. A. (2014). *Eliciting Information and Detecting Lies in Intelligence Interviewing: An Overview of Recent Research*. *Applied Cognitive Psychology*, 28(6), 936–944.
- Vrij, A., Mann, S. A., Fisher, R. P., Leal, S., Milne, R., & Bull, R. (2008b). Increasing cognitive load to facilitate lie detection: The benefit of

recalling an event in reverse order. *Law and Human Behavior*, 32, 253-265. doi:10.1007/s10979-007-9103-y

Walczyk, Jeffrey J., Mahoney, Kevin T., Doverspike, D., & Griffith-Ross, Diana A. (2009). Cognitive Lie Detection: Response Time and Consistency of Answers as Cues to Deception. *Journal Of Business And Psychology*, 24(1), 33-49.

Walczyk, Jeffrey J., Roper, K. S., Seemann, E., & Humphrey, A. M. (2003). Cognitive mechanisms underlying lying to questions: response time as a cue to deception. *Applied Cognitive Psychology*, 17(7), 755–774.

Walczyk, Jeffrey J., Schwartz, Jonathan P., Clifton, Rayna, Adams, Barret, et al. (2005). Lying Person-to-Person About Life Events: A Cognitive Framework for Lie Detection. *Personnel Psychology*, 58(1), 141-170.

Zuckerman, M., DePaulo, B. M., & Rosenthal, R. (1981). Verbal and nonverbal communication of deception. In L. Berkowitz (Ed). *Advances in Experimental Social Psychology*, (Vol. 14, pp. 1–59). Academic Press.

Anexos

Anexo A - Tabela elaborada para o estudo

13 Sujeito X		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).						
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).						
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.						
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.						
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).						
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.						
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)						
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.						
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).						
	Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)						

¹³ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Anexo B – Dados quantitativos observados para cada item

Tabela 11. Número de afirmações aversivas nas respostas dos sujeitos

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	0	0	4	0	0	0
Sujeito 2	0	2	1	0	0	0
Sujeito 3	0	0	0	0	0	0
Sujeito 4	0	0	0	0	0	0
Sujeito 5	0	0	1	2	0	0
Sujeito 6	0	0	0	0	0	0
Sujeito 7	0	0	0	0	2	1
Sujeito 8	0	0	0	0	0	0
Sujeito 9	1	3	0	1	0	0
Sujeito 10	0	3	1	3	2	1

Tabela 12. Número de termos gerais presentes nas respostas dos sujeitos

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	0	0	2	0	2	0
Sujeito 2	0	0	1	0	1	0
Sujeito 3	0	0	0	0	1	0
Sujeito 4	0	4	5	6	1	2
Sujeito 5	0	0	0	0	0	0
Sujeito 6	0	1	0	1	0	0
Sujeito 7	0	0	0	0	0	1
Sujeito 8	0	0	0	0	0	2

Sujeito 9	0	0	1	0	0	0
Sujeito 10	0	2	1	3	0	0

Tabela 13. Número de autorreferências presentes nas respostas dos sujeitos

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	6	4	6	3	5	5
Sujeito 2	4	4	6	4	4	4
Sujeito 3	3	3	5	2	3	8
Sujeito 4	9	13	5	8	7	11
Sujeito 5	3	3	8	3	3	3
Sujeito 6	5	2	3	1	1	1
Sujeito 7	4	5	5	8	4	5
Sujeito 8	1	5	6	1	4	2
Sujeito 9	5	9	7	1	5	3
Sujeito 10	3	3	4	3	1	5

Tabela 14. Número de hesitações presentes nas respostas dos sujeitos

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	10	7	5	3	6	4
Sujeito 2	8	6	6	6	5	7
Sujeito 3	3	9	4	6	4	5
Sujeito 4	3	6	4	3	6	2
Sujeito 5	5	11	10	9	8	11

Sujeito 6	8	7	6	8	2	7
Sujeito 7	8	8	4	6	7	5
Sujeito 8	4	8	9	4	5	8
Sujeito 9	4	5	7	4	3	5
Sujeito 10	8	14	9	10	2	5

Tabela 15. Tamanho da resposta dos sujeitos: número de palavras

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	89	95	67	84	71	88
Sujeito 2	94	69	95	76	109	96
Sujeito 3	90	96	110	110	107	86
Sujeito 4	180	180	175	173	153	192
Sujeito 5	105	134	125	125	131	135
Sujeito 6	110	88	94	94	92	90
Sujeito 7	138	138	79	176	105	95
Sujeito 8	68	68	83	76	73	67
Sujeito 9	84	107	119	103	114	94
Sujeito 10	74	90	121	121	133	83

Tabela 16. Número de afirmações que indicam aversão nas respostas dos sujeitos

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	10	7	2	5	9	6
Sujeito 2	12	6	5	4	9	7

Sujeito 3	14	7	7	7	12	11
Sujeito 4	17	17	14	14	10	17
Sujeito 5	15	11	12	11	12	10
Sujeito 6	9	9	6	6	13	10
Sujeito 7	13	13	6	9	15	10
Sujeito 8	3	4	7	5	6	6
Sujeito 9	13	13	9	9	10	15
Sujeito 10	10	8	9	7	8	4

Tabela 17. Número de contradições presentes nas respostas dos sujeitos

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	0	0	0	0	0	0
Sujeito 2	0	0	0	0	0	0
Sujeito 3	0	0	0	0	1	0
Sujeito 4	0	0	1	0	0	0
Sujeito 5	0	1	0	0	0	0
Sujeito 6	0	0	0	0	0	0
Sujeito 7	0	0	0	0	0	0
Sujeito 8	0	0	0	0	0	0
Sujeito 9	0	0	0	0	0	0
Sujeito 10	0	0	0	0	0	0

Tabela 18. Valores dos tempos de latência dos sujeitos¹⁴

Sujeito	A		B		C	
	A1	A2	B1	B2	C1	C2
Sujeito 1	2,21	1,20	2,32	1,35	2,20	1,18
Sujeito 2	1,89	0,99	1,79	1,22	1,83	1,47
Sujeito 3	1,19	1,63	0,82	0,82	1,39	0,69
Sujeito 4	0,78	0,78	0,75	1,06	0,88	0,88
Sujeito 5	0,65	0,89	0,86	1,02	1,78	0,95
Sujeito 6	0,75	0,75	1,22	0,92	1,13	1,13
Sujeito 7	0,99	0,99	1,18	0,83	0,85	0,85
Sujeito 8	1,01	1,34	1,36	0,43	1,76	0,70
Sujeito 9	0,93	1,26	1,23	0,83	0,76	0,76
Sujeito 10	0,58	0,85	1,19	1,35	0,72	0,72

¹⁴ Os valores apresentados encontram-se em segundos

Anexo C – Análise exploratória da existência de pistas verbais

Tabela 19. Dados observacionais do sujeito 1.

15 Sujeito 1		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	+	-	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	+	-	+	-
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	+	-	+	-	=	=
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	=	=	+	-	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	+	-	+	-	+	-
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	-	+	-	+	-	+
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	+	-	+	-	+	-
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	+	-	-	+	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

¹⁵ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 20. Dados observacionais do sujeito 2

16 Sujeito 2		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbaís	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	-	+	+	-	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	+	-	+	-
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	=	=	+	-	=	=
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	-	+	=	=	-	+
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	+	-	=	=	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	+	-	+	-	+	-
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	+	-	+	-	+	-
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	+	-	+	-	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

¹⁶ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 21. Dados observacionais do sujeito 3

17 Sujeito 3		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	=	=	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	=	=	+	-
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	=	=	+	-	-	+
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	-	+	=	=	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	-	+	-	+	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	-	+	=	=	+	-
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	-	+	=	=	+	-
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	+	-	=	=	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	+	-
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

¹⁷ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 22. Dados observacionais do sujeito 4

18 Sujeito 4		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	=	=	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	-	+	-	+	=	=
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	-	+	-	+	-	+
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	=	=	=	=	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	-	+	+	-	+	-
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	=	=	+	-	-	+
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	=	=	-	+	=	=
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	=	=	=	=	-	+
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	+	-	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	D	H	H	D

¹⁸ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 23. Dados observacionais do sujeito 5

19 Sujeito 5		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	-	+	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	=	=	=	=
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	=	=	+	-	=	=
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	-	+	=	=	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	-	+	+	-	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	-	+	=	=	-	+
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	-	+	-	+	+	-
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	+	-	+	-	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	-	+	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

¹⁹ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 24. Dados observacionais do sujeito 6

20 Sujeito 6		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	=	=	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	-	+	-	+	=	=
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	+	-	+	-	=	=
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	=	=	=	=	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	+	-	-	+	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	+	-	=	=	+	-
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	=	=	+	-	=	=
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	=	=	=	=	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

²⁰ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 25. Dados observacionais do sujeito 7

21 Sujeito 7		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	=	=	+	-
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	=	=	-	+
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	-	+	-	+	-	+
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	=	=	=	=	-	+
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	=	=	-	+	+	-
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	=	=	-	+	+	-
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	=	=	+	-	=	=
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	=	=	-	+	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

21 Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 26. Dados observacionais do sujeito 8

22 Sujeito 8		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	=	=	=	=	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	=	=	-	+
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	-	+	+	-	+	-
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	+	-	-	+	-	+
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	-	+	+	-	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	=	=	+	-	+	-
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	-	+	+	-	+	-
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	-	+	+	-	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		D	H	H	D	H	D

22 Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 27. Dados observacionais do sujeito 9

23 Sujeito 9		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	-	+	-	+	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	=	=	+	-	=	=
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	-	+	+	-	+	-
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	=	=	=	=	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	-	+	+	-	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	-	+	+	-	-	+
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	-	+	+	-	=	=
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	=	=	=	=	-	+
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

²³ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;

Tabela 28. Dados observacionais do sujeito 10

24 Sujeito 10		A		B		C	
		A1	A2	B1	B2	C1	C2
Pistas Verbais	Afirmações que indicam aversão para com um objeto, pessoa ou opinião (“odeio”, “isso é inútil”).	-	+	-	+	=	=
	Uso de termos gerais (por exemplo, “sempre”, “nunca”, “ninguém”, “toda a gente”).	-	+	-	+	=	=
	Uso de autorreferências como “eu”, “meu”, “mim”.	=	=	+	-	-	+
	Resposta foi indireta, evasiva ou distante.	=	=	=	=	=	=
	Hesitações no discurso (utilização de “ah”, “hum”, “eee...”, etc).	-	+	-	+	-	+
	Tamanho da resposta (curta ou longa), ou número de palavras utilizadas.	-	+	=	=	+	-
	Tempo de latência (maior/menor tempo entre o fim da questão e o início da resposta)	-	+	-	+	=	=
	Diversidade do discurso: uso de expressões diferentes, fornecimento de exemplos ilustrativos.	+	-	+	-	+	-
	Contradições/Inconsistências: contradições na mesma afirmação ou entre duas respostas, ao longo do discurso (por exemplo, detalhes são diferentes sobre um mesmo objeto/situação).	=	=	=	=	=	=
Testemunho honesto (H) ou desonesto (D)		H	D	H	D	H	D

²⁴ Ensaio A = Primeira questão; Ensaio B = Segunda questão; Ensaio C = Terceira questão; A1, A2 = Respostas do primeiro ensaio; B1 e B2 = Respostas segundo ensaio; C1 e C2 = Respostas terceiro ensaio;